



# REVISTA BRASILEIRA DE FILOSOFIA E HISTÓRIA



## *O papel dos padres jesuítas no processo educativo na Paraíba*

**José Flávio Paulo Ferreira**

Professor da rede pública, graduado em História pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: pavos@bol.com.br

**Terezinha Virgínio de Araújo**

Graduada em História, mestre em Gestão Educacional pela Universidade Internacional de Lisboa.

Docente das Faculdades Integradas de Patos (FIP)

**Resumo:** Logo nos primeiros anos da colonização do território paraibano, fixaram-se três grandes ordens religiosas: os franciscanos, os beneditinos e os jesuítas. Os membros dessa última ordem durante um relativo período foram detentores do domínio hegemônico da pedagogia, dando uma significativa parcela ao processo educativo na Paraíba. Num primeiro momento, os jesuítas permaneceram na Paraíba de 1585 a 1589 e foram expulsos durante o governo de Feliciano Coelho, que não concordava com a posição desses religiosos que se manifestavam contrários à escravidão do gentio. Ainda no final da primeira metade do século XVIII, teve início na Europa um intenso embate contra a Companhia de Jesus. E sob o argumento de que a Companhia de Jesus havia perdido o antigo espírito de seu fundador, universidades, parlamentos, autoridades civis e eclesiásticas, bem como outras ordens religiosas, pediam a sua extinção, fator também contribuição para a decisão do Marques de Pombal, que via nos jesuítas ações que poderiam servir de obstáculos ao seu projeto político. A prática educativa desenvolvida pelos padres da Companhia de Jesus espelhava-se no pensamento humanista, de forma que ficava bastante visível o interesses desses padres de dotarem os jovens da grande colônia portuguesa na América, de um senso crítico e investigativo, que lhe conduzissem à autonomia. Na época, o interesse dos jesuítas não passou despercebido por parte da Coroa portuguesa. E esta constatação fortemente contribuiu para acelerar o processo de expulsão desses padres do Brasil. Com a saída dos jesuítas, a Paraíba perdeu significativamente em termos de educação. Apesar de ter sido significativa a contribuição da Igreja Católica na promoção da Educação na Paraíba, no mundo acadêmico, essa contribuição é muito pouco abordada. E essa falta de abordagem/discussão contribui para manter aberta essa lacuna, impossibilitando, assim, um melhor entendimento acerca da formação do processo educativo na histórica Capitania da Paraíba do Norte.

Palavras-chave: Jesuítas. Educação da Paraíba. Contribuição.



## *The role of the Jesuits in the educational process in Paraíba*

**Abstract:** During the first years of the colonization of Paraíba territory, settled three major religious orders: the Franciscans, Benedictines and Jesuits. The members of this last order during a relative period were keepers of the hegemonic field of pedagogy, giving a significant portion of the educational process in Paraíba. At first, the Jesuits remained in Paraíba from 1585 to 1589 and were expelled during the government of Feliciano Coelho, who did not agree with the position of those religious who were demonstrating against the enslavement of the Gentile. Still at the end of the first half of the eighteenth century, began in Europe an intense clash against the Society of Jesus. And under the argument that the Jesuits had lost the old spirit of its founder, universities, parliaments, civil and ecclesiastical authorities, as well as other religious orders, calling for its extinction factor also contributing to the decision of the Marques de Pombal, I saw the Jesuits actions that could serve as obstacles to their political project. Educational practice developed by the priests of the Society of Jesus mirrored in the humanist thought, so that was quite visible in the interests of those priests equip the youth of the great Portuguese colony in America, a critical and investigative sense, that would lead you to autonomy. At the time, the interest of the Jesuits did not go unnoticed by the Portuguese Crown. And this finding strongly contributed to accelerate the expulsion of those priests in Brazil. With the departure of the Jesuits, Paraíba lost significantly in terms of education. Although it was a significant contribution of the Catholic Church in promoting education in Paraíba, in the academic world, this contribution is rarely addressed. And this lack of approach/discussion helps to keep open the gap, thus precluding a better understanding of the formation of the educational process in the historic North Captaincy of Paraíba.

**Keywords:** Jesuits. Education of Paraíba. Contribution.

## 1 Introdução

Foram os jesuítas os primeiros sacerdotes a chegarem a Paraíba, assumindo desde cedo à catequese dos índios, tarefa que acumulavam com os ensinamentos dos rudimentos da doutrina cristã. Questões de ordem administrativa contribuíram para saída desses sacerdotes da capitania paraibana, somente retornando mais de 150 anos depois, para darem a maior contribuição à Educação, na Paraíba colonial.

No século XVIII, os jesuítas ao retornarem à Paraíba se preocuparam em desenvolver um ensino destinado a população. No entanto, essa segunda permanência foi curta, face à expulsão completa desses padres do Brasil, determinada pelo Marques de Pombal em 1759.

Até então, o ensino na Paraíba bem como nas demais capitanias possuía um caráter extremamente secular. E, a partir do século XVIII começou a ocorrer a laicização do ensino, processo esse que se intensificou no século seguinte.

Entretanto, tem-se reconhecer que embora o processo educativo tenha saído do controle da Igreja Católica, até o final do século XIX era marcante a presença de padres nas escolas públicas, lecionando, principalmente latim, religião e filosofia.

O presente artigo, de natureza bibliográfica, tem por objetivo geral mostrar a contribuição dos padres jesuítas no processo de formação da Educação, na Paraíba.

## 2 Revisão de Literatura

Logo nos primeiros anos da colonização do território paraibano, fixaram-se três grandes ordens religiosas: os franciscanos, os beneditinos e os jesuítas. Os membros dessa última ordem durante um relativo período foram detentores do domínio hegemônico da pedagogia, dando uma significativa parcela ao processo educativo na Paraíba.

Diferentemente dos beneditinos e dos carmelitas, os jesuítas utilizavam suas escolas para promoverem ao mesmo tempo não somente a educação como também a catequese, objetivando a cristianização dos gentios. E, com seus colégios e com sua forma de catequizar, são os jesuítas os responsáveis pelo desenvolvimento de uma pedagogia enérgica e poderosa não somente na Paraíba, mas em grande parte do Brasil colonial.

### 2.1 Os jesuítas chegam à Paraíba

Num primeiro momento, os jesuítas permaneceram na Paraíba de 1585 a 1589 e foram expulsos durante o governo de Feliciano Coelho, que não concordava com a posição desses religiosos que se manifestavam contrários à escravidão do gentio.

Para entender como ocorreu o processo de expulsão dos padres jesuítas da Paraíba, é oportuno lembrar que ainda no final do século XVI surgiram as primeiras leis sobre os indígenas do Brasil. Manifestando-se contrários às novas normas, os jesuítas conservam seu papel tradicional de 'protetores' dos índios, ficando em oposição aos colonos, que viam nos índios apenas uma

força de trabalho a explorar. E essa posição também foi levada em consideração pelo governador Feliciano Coelho, quando decidiu pela expulsão dos referidos sacerdotes.

No entanto, mais de 150 anos após terem sido expulsos da Paraíba, os padres jesuítas a ela retornaram. Desta vez, mais preocupados em desenvolver o ensino junto à população. Abordando o retorno dos padres jesuítas, Ramos (1987, p. 96) faz o seguinte comentário:

A volta dos jesuítas à Paraíba veio trazer novas perspectivas à população. Aqui chegando, iniciaram em 1748 a construção de um colégio, com o auxílio de doze contos de reis que lhe doou o casal Manoel da Cruz e Luzia do Espírito Santo. A doação fora feita sob a condição expressa de serem criadas aulas de Filosofia, Latim e de primeiras letras. Foi esse colégio o primeiro estabelecimento de ensino digno desse nome, que se fundou na Paraíba.

Nessa época, outros estabelecimentos de ensino, sobre a responsabilidade de membros da Igreja Católica, já se encontravam em funcionamento na Capitania. No entanto, não possuíam a estrutura e o elemento humano necessário ao desenvolvimento do ensino, quando comparado ao colégio fundado pelos padres jesuítas na capital paraibana no final da primeira metade do século XVIII.

Ainda segundo Ramos (1987, p. 92):

Dentro de pouco tempo, já bastante desenvolvido [o colégio dos padres jesuítas], recebia alunos não só da Capital como do interior. Reconhecendo o grande benefício que vinha o educandário prestando à população, naquela remota era, o governo central mandou, por alvará de 4 de março de 1751, auxiliá-lo com a quantia de duzentos cruzeiros. Os moradores, por sua vez, cooperaram na grande obra, e assim os padres da Companhia conseguiram levantar os edifícios em que hoje, convenientemente reconstruídos se encontram o Palácio do Governo e a Faculdade de Direito.

A ação educadora promovida pelos jesuítas na capital paraibana se prolongou até 1759, ano em que por determinação do Marques de Pombal, todos os membros da Companhia de Jesus foram expulsos do Brasil. É importante registrar que na primeira metade do século XVIII, não somente na Paraíba, mas em diversos pontos do Brasil, a obra educadora dos jesuítas atingiu a sua fase de maior expansão.

Ressalta Mello (1995, p. 88), que na Paraíba, "os padres da Companhia de Jesus fundaram, sob a liderança de Gabriel Malagrida, em 1745, um seminário que, dotado de aulas de Latim e Humanidades, funcionou como primeiro estabelecimento de ensino geral".

Deve-se ressaltar que o padre Gabriel Malagrida foi a principal vítima da Inquisição na Paraíba. Preso e transferido para Lisboa, foi condenado e queimado vivo, sem, contudo, ter tido a oportunidade de apresentar a sua defesa.

Dissertando sobre os motivos que ensejaram a perseguição ao referido padre na Paraíba, Mello (1995, p. 87) faz o seguinte comentário:

O sacrifício de Malagrida situou-se dentro de campanha empreendida pelo Marquês de Pombal, contra a Ordem dos Inacianos, em Portugal. Partidário do chamado despotismo esclarecido, Pombal fazia-se ilustrado autocrata que pretextou conspiração jesuítica contra a Casa real para banir a corporação religiosa do Reino.

A prisão do Padre Malagrida repercutiu não somente na Paraíba, mas em grande parte do Brasil, ecoando na Europa, principalmente, na Itália. Sua ação educacional foi significativa ao ensino na Paraíba. No entanto, o nome desse ilustre sacerdote ainda não mereceu a importância devida na história da Paraíba e dificilmente a ele se faz referência como se o fato de ter sido vítima da Inquisição também deva carregar a sentença do esquecimento.

Comenta ainda Mello (1995, p. 87) que o Padre Malagrida:

[...] associou seu nome ao antigo conjunto jesuítico da atual Praça João Pessoa, na Capital do Estado. Aí, Malagrida iniciou a construção do Seminário anexo à Igreja de N. s. da Conceição e do Convento dos Jesuítas. No prédio, que serviu de sede ao Liceu Paraibano, nos séculos XIX e XX, hoje funciona (novamente) a Faculdade de Direito

da Universidade Federal da Paraíba com a denominação de Centro de Ciências Jurídicas.

Com a expulsão dos jesuítas da Paraíba, todo o patrimônio de sua ordem passou para as mãos dos carmelitas, que continuaram desenvolvendo o processo educativo na capital paraibana. Contudo, sem o mesmo brilho ostentado pelos jesuítas.

Em relação aos bens dos padres jesuítas que foram confiscados, Mello (1995, p. 87) faz ainda o seguinte comentário:

[...] Seus bens, constantes de fazendas de gado como escravaria nos termos de Mamanguape, Piancó, Cariri e Itabaiana, sobrados, casas e vários fogos aforados na capital, onde só o convento viu-se avaliado em 12.000\$000, foram confiscados. Como resultados ficaram imediatamente desassistidas as missões religiosas mantidas pela Companhia de Jesus em Alhandra, Jacoca, Taquara, São Miguel da Baía da Traição, Mamanguape e Pilar.

Entretanto, se os padres jesuítas perderam em patrimônio, a expulsão destes religiosos trouxe também uma significativa perda ao processo educativo que vinha sendo desenvolvido na Paraíba. Assim, com a expulsão dos membros da Companhia de Jesus, todo o sistema educacional existente na Paraíba ficou desarticulado.

A Figura 1 apresenta o antigo conjunto jesuítico, localizado na atual Praça João Pessoa, no centro da capital paraibana.

**Figura 1 - Antigo Conjunto Jesuítico construído no início do século XVIII**



Fonte: <http://www.google.com.br/imgresantigafaculdadededireitojoapessoa>.

Analisando a Figura 1, percebe-se a dimensão da obra religiosa e educativa desenvolvida pelos padres da Companhia de Jesus, na Paraíba. O antigo conjunto jesuíta construído nas primeiras décadas do século XVIII, encontra-se atualmente, na Praça dos Três Poderes, vizinho ao Palácio do Governo do Estado. Construído numa arquitetura barroca, constitui um dos pontos turísticos da capital paraibana.

## 2.2 A expulsão definitiva dos jesuítas do Brasil e da Paraíba

Ainda no final da primeira metade do século XVIII, teve início na Europa um intenso embate contra a Companhia de Jesus. E sob o argumento de que a Companhia de Jesus havia perdido o antigo espírito de seu fundador, universidades, parlamentos, autoridades civis e eclesiásticas, bem como outras ordens religiosas, pediam a sua extinção, fator também contribuição para a decisão do Marquês de Pombal<sup>1</sup>, que via nos jesuítas ações que poderiam servir de obstáculos ao seu projeto político.

No ano em que a Companhia de Jesus foi expulsa do Brasil, os padres jesuítas possuíam além das escolas de ler e escrever, diversos seminários e 24 colégios (RAMOS, 1987).

Na opinião de Azevedo (1976, p. 47), com a expulsão dos jesuítas, o Brasil não sofreu uma reforma da instrução:

[...] mas a destruição pura e simples de todo o sistema colonial de ensino jesuítico. Não foi um sistema ou tipo pedagógico que se transformou ou se substituiu por outro, mas uma organização escolar que se extinguiu sem que esta destruição

<sup>1</sup> Marquês de Pombal: Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras, mais conhecido como Marquês de Pombal, nasceu em 13 de maio de 1699. Pertencia a uma família da pequena nobreza, desconhecida, e não relacionada à nobreza portuguesa. Durante um curto período de tempo, fez parte do exército e foi membro da Academia Real de História. Iniciou-se na vida pública somente a partir de 1738, quando foi nomeado para desempenhar as funções de delegado de negócios em Londres [...]. A vida de Marquês de Pombal pode ser dividida em quatro grandes fases. A primeira é referente aos seus interesses particulares, isto é, a fase do cidadão Sebastião José de Carvalho e que compreende o período de 1699 a 1738. Nesse momento temporal, o cidadão dedica-se exclusivamente aos interesses de pequeno fidalgo. Encerra tal fase com a tentativa frustrada de compor o Conselho de Fazenda do rei D. João V. A segunda é a fase diplomática, relativa ao período de 1738 a 1749, em que exerce suas funções diplomáticas em Londres e Viena. A terceira corresponde à fase governativa e esta se torna a mais importante de sua vida, pois, no reinado de D. José I, que durou de 1750 a 1777, acabou por dirigir os negócios do país. A última fase refere-se ao período do exílio, compreendido entre a morte de D. José I, em 1777, e sua própria morte, em 1782 (MACIEL; SHIGUNOV NETO, 2006, p. 467).

fosse acompanhada de medidas imediatas, bastante eficazes para lhe atenuar os efeitos ou medir a sua extensão (AZEVEDO, 1976, p. 47).

Embora a expulsão dos jesuítas tenha provocado uma regressão do sistema educativo da Colônia, tal perda foi maior para a educação das elites, afetando menos a educação popular. Pois, o sistema de ensino montado por aqueles padres foi sendo progressivamente transformado num sistema voltado para as elites.

## 2.3 A prática educativa desenvolvida pelos padres jesuítas

No Brasil, desde os primórdios da colonização, os jesuítas sempre se empenharam em propagar o ideal cristão, devolvendo também um grande trabalho de catequese e uma pedagogia inovadora, quando comparada à prática educativa desenvolvidas pelos membros das demais ordens religiosas, que se estabeleceram na nova colônia portuguesa.

É importante destacar que quando a Companhia de Jesus foi formada, a educação não estava em seu primeiro plano. O propósito dos jesuítas era o processo de evangelização com o intuito de levar o homem aos ritos cristãos, às práticas dos bons costumes.

Dissertando sobre esses aspectos Luzuriaga (1998, p. 118) faz o seguinte comentário:

Ordem dos jesuítas não foi, entretanto, criada só com fins educacionais, ademais, parece que no começo não figuravam esses entre os propósitos, que eram antes a confissão, a pregação e a catequização. Seus recursos principais eram os chamados 'exercícios espirituais', que exerceram enorme influência anímica e religiosa entre adultos. Todavia pouco a pouco a educação ocupou um dos lugares mais importantes, senão o mais importante, entre as atividades da Companhia.

A companhia de Jesus foi fundada Inácio de Loyola, em 1534, com o aval do Papa Paulo III, que em seu reinado realizava operações na igreja para enfrentar as críticas reformistas e a expansão do protestantismo. No cumprimento de suas funções, os jesuítas se revelaram verdadeiros 'soldados' de Cristo, atuando também na educação. Na Europa que os jesuítas receberam a missão de ensinarem em seminários, colégios e universidades, com a missão de recuperar a posição da Igreja Católica Romana, enfraquecida pela expansão do protestantismo.

De acordo com Cunha (2000, p. 97):

Na Europa, os jesuítas fundam colégios (grau médio) para educar e preparar os filhos da nova elite que se enriquecera com as atividades mercantis. Também preparava os e aos seus futuros quadros para o curso superior. Estes seriam os futuros quadros dirigentes da sociedade. Não se dedicavam ao ensino elementar.

Considerada com uma verdadeira elite intelectual da Igreja Católica, os padres jesuítas além do trabalho

educacional, também organizaram as missões, com o intuito de conquistar e preservar para a Igreja Católica, aqueles povos que não foram atingidos pela expansão do protestantismo. E esta é a principal razão que motivou o envio dos membros da Companhia de Jesus para o Brasil.

Assim, para assegurar o êxito de sua missão no Brasil, os padres da Companhia de Jesus passaram a fundar aldeias, voltadas para a catequese dos indígenas.

Avaliando a importância dessas aldeias no processo de formação do Estado brasileiro, Pompa (2002, p. 89) faz o seguinte comentário:

As aldeias foram uma iniciativa dos padres no Brasil, aliados ao poder colonial: uma adaptação às condições locais de possibilidade de conversão. Desde o começo o aldeamento jesuítico constituiu, portanto, uma prática, mesmo que teologicamente orientada, e sofreu contínuos reajustes e mudanças em razão dos resultados da catequese [...]. Nelas criaram-se os rituais católicos 'interpretados' pelos indígenas, mediante a tradução dos princípios cristãos não apenas na língua mas também nos códigos tupis, conforme as formas de catequese defendidas por Anchieta.

Após organizarem as primeiras aldeias, os padres jesuítas passaram a fundar escolas e colégios. Essas unidades educativas, subsidiadas pelo Estado português, tinham a missão de formar gratuitamente sacerdotes para a catequese, além de instruírem e educarem os indígenas, mamelucos e filhos dos colonos brancos.

Analisando a contribuição dada pelos padres jesuítas à educação no Brasil, ainda no século XVI, Alves (1997, p. 21) afirma que:

Cento e vinte e oito jesuítas chegaram ao Brasil entre 1549 e 1598. O trabalho que desenvolveram foi de tal maneira prodigioso que custa a acreditar ter sido levado a cabo por um grupo tão pequeno. Os colégios, estabelecidos nos principais centros populacionais, formavam o esqueleto do sistema educacional da colônia, e a sua reputação era tal que atraíram estudantes de Angola e de outras possessões portuguesas na África ocidental.

O processo educativo desenvolvido pelos padres jesuítas era centrado na luta contra o protestantismo e na preservação dos valores morais. Entre seus objetivos também estava a obrigatoriedade de difundir a cultura cristã europeia.

Avaliando a importância do processo educativo desenvolvido pelos padres jesuítas no Brasil, Bittar e Ferreira Júnior (2007, p. 34) afirma que o século XVI, "se constitui o marco inicial das práticas pedagógicas que inauguram a longa hegemonia jesuítica na história da educação brasileira".

É importante destacar que a hegemonia jesuítica na história da educação brasileira se prolongou de 1549 (quando da chegada dessa ordem religiosa ao Brasil) a 1759, ano que assinala a expulsão dos membros da Companhia de Jesus da grande colônia portuguesa nas Américas.

Na concepção de Oliveira (2012, p. 212):

As práticas pedagógicas revelam-se na ação de hegemonia dos jesuítas. Foi essa busca pela hegemonia que fez a educação se tornar uma ferramenta para aplicação do discurso religioso, havendo uma fusão entre pedagogia/religiosidade; os jesuítas tornaram seus discursos fortes e aplicativo, criando, por exemplo, o *Ratio Studiorum*, um plano de estudos.

A prática educativa desenvolvida pelos padres da Companhia de Jesus era muito resistente à mudança. Em seus colégios era oferecido o ensino das primeiras letras, onde se trabalhava a doutrinação cristã, a matemática, bem como a língua portuguesa ou espanhola, seguindo o plano de estudos denominado *Ratio Studiorum*, correspondente praticamente aos atuais níveis fundamental, médio e superior.

Complementa ainda Oliveira (2012, p. 213) que:

Formar um homem dentro do modelo cristão jesuítico é introduzi-lo no mundo humanista e hegemônico da ordem no Brasil colonial, sendo por via do ensino de idiomas clássicos, da gramática ou humanidades, com independência de pensamento, com formação crítica, investigadora, alheia a qualquer imposição.

Assim, constata-se que a prática educativa desenvolvida pelos padres da Companhia de Jesus espelhava-se no pensamento humanista, de forma que ficava bastante visível o interesse desses padres de dotarem os jovens da grande colônia portuguesa na América, de um senso crítico e investigativo, que lhe conduzissem à autonomia. Na época, o interesse dos jesuítas não passou despercebido por parte da Coroa portuguesa. E esta constatação fortemente contribuiu para acelerar o processo de expulsão desses padres do Brasil.

De acordo com Villalta (2002, p. 175):

Até 1759, a Companhia de Jesus foi o principal agente da educação escolar, possuindo vários colégios, voltados para a formação de clérigos e leigos, sendo o colégio da Bahia o mais importante deles. Outras ordens religiosas também se dedicaram à educação escolar na colônia, como as ordens dos beneditinos, dos franciscanos e dos carmelitas, mas não alcançaram a projeção dos inicianos.

No entanto, tem-se que reconhecer que a influência da educação jesuítica não se restringiu apenas ao período de 1549 a 1759. Ela ultrapassou esse período, deixando suas reminiscências no ensino brasileiro, principalmente, no tocante à orientação religiosa.

Na concepção de Fausto (2002), os religiosos da Companhia de Jesus foram os primeiros professores, que no Brasil procuram desenvolver uma educação formal e escolarizada.

A ação educacional dos padres jesuítas iniciou-se com a criação de escolas elementares, secundárias, seminários e missões, que se espalham pelo Brasil até o



ano de 1759, quando, por ordem do Marquês de Pombal, foram expulsos do país.

Dissertando ainda sobre a contribuição dada pelos padres da Companhia de Jesus ao processo de construção do Estado brasileiro, Fausto (2002, p. 139) faz a seguinte observação:

[...] através dos colégios e das missões os jesuítas realmente auxiliaram no processo de colonização brasileira. Transformaram este país em país católico, de língua portuguesa, defenderam a cultura dominante cristã ocidental, formaram a elite dominante. Apesar da oposição e da resistência, através da aculturação, acabou facilitando a escravidão dos nativos pelos colonos, ou seja cumpriram os acordos anteriormente firmados entre a Igreja Católica e o Estado português.

Durante mais de dois séculos, os jesuítas catequizaram índios, educaram filhos dos colonos, formaram novos sacerdotes e a elite intelectual brasileira. Outra importante contribuição dos membros da Companhia de Jesus foi a difusão e unificação da língua portuguesa, tanto no Norte quanto no Sul do Brasil.

### 3 Considerações Finais

O Brasil foi colonizado por Portugal, de quem herdou significativa influência religiosa e os moldes da administração pública. Entretanto, desde o princípio, a Coroa portuguesa não deu muita importância ao desenvolvimento da Educação em sua grande e rica colônia na América do Sul e as razões que justificassem desinteresse são várias. No entanto, do ponto de vista sociopolítico tais razões resumem-se em apenas uma: o medo de perder o Brasil.

Entendia Portugal que ampliando a educação no Brasil poderia contribuir para o surgimento de ideais revolucionários e/ou de sentimento nativista. Por essa razão, confiou o desenvolvimento do processo educativo aos religiosos, membros das diferentes ordens a exemplo dos carmelitas, beneditinos, franciscanos e jesuítas.

Todas essas ordens atuaram na Paraíba, durante o Brasil colonial. No entanto, foram os jesuítas aqueles que deram a maior contribuição ao processo educativo na Paraíba e ao serem expulsos por determinação do marquês de Pombal, deixaram para trás um rico patrimônio arquitetônico na capital paraibana, onde havia instalado um grande colégio e lançado as bases para a construção de um seminário.

Com a saída dos jesuítas, a Paraíba perdeu significativamente em termos de educação. No século XIX, as poucas condições econômicas tornou-se o principal obstáculo para o desenvolvimento e expansão da educação na província. Durante todo o século XIX, mesmo de forma precária, o governo provincial criou e manteve escolas em todas as vilas do interior, sempre levando ao conhecimento da Corte, a necessidade de se investir mais na educação local.

Apesar de ter sido significativa a contribuição da Igreja Católica na promoção da Educação na Paraíba, no mundo acadêmico, essa contribuição é muito pouco

abordada. E essa falta de abordagem/discussão contribui para manter aberta essa lacuna, impossibilitando, assim, um melhor entendimento acerca da formação do processo educativo na histórica Capitania da Paraíba do Norte.

### 4 Referências

ALVES, Márcio Moreira. **A igreja e a política no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Brasília: UnB, 1976.

BITTAR, Marisa e FERREIRA JUNIOR, Amarílio. A pesquisa em história da educação colonial. In: PAIVA, José Maria de, ASSUNÇÃO, Paulo e BITTAR, Maria, (org). **Educação história e cultura no Brasil colônia**. São Paulo: Arké, 2007, p. 91-112.

CUNHA, Luís Antônio. **A universidade temporã**. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação e da pedagógica**. 5 ed. São Paulo: Companhia Editorial nacional, 1998.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistência**. 2 ed. João Pessoa: EDUFPPB, 1995.

OLIVEIRA, Fábio Falcão. No processo de uma educação colonial. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil. UFPB. João Pessoa, 31/07 a 03/08/2012, **Anais eletrônicos**. Disponível in: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acerhistedbr/seminari/o/seminario/PDFs/3.01.pdf>. Acesso: 20 mar 2013.

POMPA, Cristina. O lugar da utopia: Os jesuítas e a catequese indígena. **Novos Estudos**, n. 64, p. 83-94, nov., 2002.

PORTO, Waldice Mendonça. A conquista da Paraíba. In: **Anais do Ciclo de Debates sobre a Paraíba na Participação dos 500 anos de Brasil**. João Pessoa: IHGP/Secretaria de Educação e Cultura do Estado, 2000, p. 90-98.

VILLALTA, Luiz Carlos Villalta. A Educação na Colônia e os Jesuítas: discutindo alguns mitos. In: PRADO, Maria Lígia Coelho; VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). **À Margem dos 500 Anos: reflexões irreverentes**. São Paulo: Edusp, 2002, p. 171-184.